



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA

PRESIDÊNCIA

DA REPÚBLICA

MENSAGEM PELA MORTE DO POETA CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

Cidade do México, México
18 de agosto

Desaparece, com Drummond, «um dos momentos mais altos da nossa história literária.»

17 de agosto — Doze dias depois de sua filha Maria Julieta, morre, às 20 horas e 45 minutos, aos 84 anos, o poeta Carlos Drummond de Andrade, considerado o maior poeta brasileiro da atualidade.

18 de agosto — Tão logo informado, no México, da morte do poeta, o Presidente José Sarney telefonou para o ministro Celso Furtado, pedindo que este o representasse no sepultamento.

Eu recebi esta notícia com uma grande comoção. Drummond, além de toda sua grandeza, era também meu amigo. Acho que desaparece um pedaço da inteligência brasileira. Desaparece, com ele, um dos momentos mais altos da nossa história literária.

Drummond era um símbolo e era um mito. Ele era um mago, mágico das palavras. Tudo que ele escrevia tinha alguma coisa como obra de Deus. Mas o que nos consola é que os poetas não morrem, porque as palavras não morrem.

E possível destruir a pedra, é possível destruir as cores, mas as palavras são impossíveis de morrer. E os poetas são eternos porque justamente fizeram a obra da transfigu-

ração das palavras. Para eles uma rosa não é uma rosa. Eles transformam uma rosa em muito mais do que uma rosa, porque ela é muito mais bela nas palavras dos poetas do que a cor e a forma.

Por isso mesmo eu considero que a poesia é obra de Deus, é uma arte da criação e Drummond foi um grande deus. Foi um deus pagão, e um deus humano. E quando morre um deus, a terra treme e fica menor. Eu tenho apenas o lamento de que ele não tivesse Julieta para chorar em sua cabeça.